

IV-002 – O PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Isabella de Carvalho Vallin⁽¹⁾

Gestora Ambiental pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP). Mestranda em Ciências Ambientais pelo Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo (IEE/USP).

Elisangela Soares Teixeira

Historiadora pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).

Sandra Sampaio

Técnica em Gestão de Projetos do Instituto Cata Sampa.

Eduardo Ferreira de Paula

Representante do Movimento Nacional de Catadores no Estado de São Paulo.

Sylmara Lopes Francelino Gonçalves-Dias

Professora Doutora da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP). Orientadora do Programa de Ciências Ambientais do Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo (IEE/USP).

Endereço⁽¹⁾: Rua João Coelho de Souza, 86 – Vila Nogueira - Diadema - SP - CEP: 09950-020 - Brasil - Tel: (11) 40753217 - e-mail: isabella.vallin@usp.br

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar características sociodemográficas de catadores de materiais recicláveis do município de São Paulo. Para isto, utilizou-se dados coletados no período de março de 2012 a março de 2014 contidos no projeto “Cata Rua” financiado pela Secretaria Nacional de Economia Solidária - Ministério do Trabalho e Emprego. Foram utilizados cadastros completos de 318 catadores cooperados e autônomos atuantes nesta região. Estes dados foram relacionados aos dados do Censo IBGE 2010 e PNAD 2012 contidos no diagnóstico do IPEA 2013. O resultado alcançado foi um esboço do perfil do catador (a) de São Paulo, cujo aspecto indica que grande maioria possui idade entre 30 e 49 anos, é do sexo masculino, possui Ensino Fundamental Incompleto e renda de meio a um salário mínimo. Conclui-se que os catadores no município de São Paulo, assim como no Brasil, constituem uma fração vulnerável da força de trabalho, ressaltando assim, a importância de se desenhar políticas públicas que atendam as demandas dessa classe.

PALAVRAS-CHAVE: Catadores de Materiais Recicláveis, Características Sociodemográficas, Município de São Paulo.

INTRODUÇÃO

A reciclagem no país está intimamente ligada à questão social, uma vez que o pilar desta cadeia se dá através do trabalho dos catadores de materiais recicláveis¹, os quais exercem sua atividade em condições vulneráveis e com baixa qualidade de vida (MEDEIROS e MACEDO, 2006), o que denota o paradigma de exclusão-inclusão do catador: excluído por estar à margem, incluído por exercer um trabalho, excluído por este trabalho ser desvalorizado (MIGUELES, 2004; SAWAIA, 1999).

De acordo com o Censo IBGE 2010, 387.910 pessoas se declararam catadoras no país. Desse montante, 161.417 se localizam na região sudeste, o que representa 41,6% do total, sendo que o estado de São Paulo possui a maior parcela, com 79.770 trabalhadores, o que significa 20,5% de todos os catadores do país. De acordo com estimativas, acredita-se que haja 40.000 catadores no município de São Paulo (BURGOS, 2008), o

¹ Devido à ausência de uma nomenclatura que considere a questão de gênero, ao longo dessa pesquisa se tratará os termos “catador”, “catadores”, “trabalhador”, “trabalhadores” e “cooperados” como a(s) mulher(es) catadora(s) e o(s) homem(s) catador(es), pertencentes aos dois gêneros.

que representa cerca de 50% dos catadores do estado, aproximadamente 24% dos trabalhadores da região sudeste e 10,3% dos catadores do país.

Nesse contexto, o município de São Paulo se destaca por ser uma das primeiras cidades no país a desenvolver a coleta seletiva com a participação de catadores (RIBEIRO; BESEN, 2007). Além disso, a cidade é a maior geradora de resíduos sólidos do país, tendo uma média de 1, 274 kg/hab/dia, o que representa 13 mil toneladas de lixo residencial por dia (ABRELPE, 2011). De acordo com dados da AMLURB² atualmente apenas 1,8% desse resíduo é coletado e triado, destes, apenas 0,8% é reciclado, e os outros 98,2% tem como destino o aterro sanitário.

Sabe-se que desvendar a estrutura da indústria da reciclagem na cidade de São Paulo significa entender a dinâmica do espaço e do ambiente urbano, levando em consideração o grande volume de mão de obra e o material reciclável disponível (MARQUES, 2013). No entanto, sabendo que a base dessa indústria se dá através dos catadores, este se torna o ator principal dessa estrutura, e conhecê-lo significa compreender também alguns aspectos que permitem que a indústria da reciclagem se desenvolva no país.

Assim, a maioria das pesquisas desenvolvidas em torno destes trabalhadores abarcam questões referentes às dinâmicas de suas organizações autogestionárias em cooperativas ou associações; às questões de gênero relacionadas a essas organizações e; à cadeia produtiva dos resíduos sólidos, mas poucos trabalhos tratam das características sociodemográficas desse conjunto de trabalhadores, e quando há, a escala é tratada por macrorregião ou em nível federal, existindo uma lacuna de conhecimento a respeito dos municípios (GOULART DE OLIVEIRA & DE PAULA, 2012; WIRTH, 2013; GONÇALVES-DIAS, 2009).

Desse modo, essa ausência de informações e conhecimentos sobre o número de catadores e seu perfil, pode favorecer a formulação de políticas públicas insuficientes destinadas a essa classe. Portanto, a proposta desta pesquisa é realizar uma leitura das características sociodemográficas de 318 catadores de materiais recicláveis do município de São Paulo e contribuir para a discussão sobre as melhorias de condição de trabalho e qualidade de vida destes trabalhadores.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este artigo realiza uma análise exploratória dos resultados, classificando-se como uma pesquisa descritiva. Para a realização deste estudo foram utilizados os dados da Amostra do Censo IBGE 2010 e da Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (PNAD) 2012 contidos na publicação “Situação Social das catadoras e dos catadores de material reciclável e reutilizável” do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) de 2013, além dos dados obtidos pelo Projeto “Inclusão produtiva através de capacitação e organização de catadores de materiais recicláveis em situação de extrema pobreza - Cata Rua”.

O projeto “Cata Rua” teve início em janeiro de 2012 com o financiamento da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), tendo como proponente o Instituto Cata Sampa, base orgânica do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) na cidade de São Paulo e como parceiro a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade de São Paulo (ITCP USP).

O projeto obteve o cadastro de 382 catadores do município de São Paulo, mas por uma questão metodológica de adequação aos objetivos desta pesquisa, foram excluídos do (n) amostral os indivíduos que não declararam renda, escolaridade ou idade, resultando em um (n) amostral de 318 indivíduos. Esses dados foram tabulados, organizados, contabilizados e cruzados através do programa Excel do pacote Office do Windows.

Embora a forma de coleta de dados do Censo IBGE, PNAD e projeto Cata Rua tenham sido realizadas de forma diferente e tenham um erro de amostragem inerente à aplicação dos questionários, essas limitações não comprometem as informações contidas nessa pesquisa para alcançar o objetivo deste artigo. Porém, vale destacar que as amostras em cada uma dessas bases são distintas.

² Dados apresentados pelo Presidente da Autoridade Municipal de Limpeza Urbana (AMLURB) na IV Conferência Municipal de Meio Ambiente em agosto de 2013.

RESULTADOS

As oito tabelas apresentadas a seguir, indicam a distribuição do universo amostral estudado por idade, gênero, escolaridade, renda e tipo de organização. A tabela 1 apresenta dados descritivos da faixa etária dos catadores de acordo com o gênero.

Tabela 1: Distribuição numérica dos catadores de materiais recicláveis por faixa etária, segundo gênero no município de São Paulo.

Faixa etária	Masculino	Feminino	Total
Até 17 anos	0	1	1
18 a 29 anos	31	36	67
30 a 49 anos	86	78	164
50 a 60 anos	34	30	64
60 anos ou mais	12	10	22
Total	163	155	318

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Projeto “Cata Rua”.

Em relação a faixa etária dos catadores de materiais recicláveis de São Paulo, observa-se, de acordo com a tabela 1, que para ambos os gêneros, se sobressaem os catadores que possuem idade entre 30 e 49 anos, o que representa 51,5% do total, enquanto que a porcentagem para as outras faixas é de 0,3% para até 17 anos, 21,0% de 18 a 29 anos, 20,1% de 50 a 60 anos e 6% para a faixa de 60 anos ou mais.

Em comparação ao estudo do IPEA (2013) com os dados da PNAD 2012 e do Censo IBGE 2010, é possível verificar a mesma resposta, como se observa pela tabela 2.

Tabela 2: Distribuição percentual dos catadores de materiais recicláveis por faixa etária, segundo país, região e município.

Faixa etária	Brasil	Sudeste	São Paulo
0-17 anos	2,1	3,4	0,3
18-29 anos	25,5	23,6	21,0
30-49 anos	48,0	47,5	51,5
50-60 anos	15,8	17,6	20,1
Maior que 60 anos	6,5	7,1	6,9

Fonte: Modificado de IPEA(2013), IBGE (2010), PNAD(2012) dados do Projeto “Cata Rua”.

Como observado, tanto em nível nacional quanto regional, o padrão se repete destacando-se um maior número de catadores com idade entre 30 e 49 anos o que confirma a tendência encontrada em São Paulo. Ao comparar as médias de idade também se consegue notar valores similares. Segundo a pesquisa do IPEA (2013) a média de idade dos catadores no Brasil é de 39,4 anos; na região sudeste é de 40,6 anos; enquanto que os dados do Projeto “Cata Rua” forneceram uma média de 40,8 anos, indicando que os dados do município de São Paulo estão em consonância com os dados regionais e similares aos dados nacionais.

Em relação a análise sobre o maior contingente de catadores possuir idade entre 30 e 49 anos, pode-se evidenciar duas situações. A primeira referente a associação entre as capacidades físicas para o trabalho, uma vez que estão em idade adulta e geralmente possuem mais vigor para o trabalho (SANTOS, 2013). Em contrapartida, também pode indicar um reflexo do desemprego, já que segundo Burgos (2008), as políticas neoliberais vêm fortalecendo a indústria da reciclagem arrematando trabalhadores sobretantes³ dos mais diversos setores produtivos em consequência ao aumento do desemprego, o que leva estes trabalhadores a assumirem trabalhos precários, como o da catação. Esta pode ser uma possibilidade porque como estão em idade adulta, também estariam, geralmente, aptos a estarem ocupando postos de trabalho formais.

No entanto, tendo a perspectiva de que a porcentagem de jovens adultos de 18 a 29 anos também é considerável, sendo 25,5% no Brasil, 23,6% na Região Sudeste e 21,0% em São Paulo, pode-se considerar os

³ No conceito de Martins (2002) “trabalhadores sobretantes” são titulados assim por serem paulatina e massivamente supérfluos aos processos produtivos pelo decurso das mudanças estruturais no processo de modernização.

mesmos argumentos apresentados a cima para explicar a presença desses jovens na atividade de coleta e reciclagem.

Outro aspecto importante a se observar é a presença significativa de idosos na atividade da catação. Ao se considerar a faixa etária de 50 anos ou mais tem-se um percentual de 22,3% no Brasil, 24,7 % na região Sudeste e 20,1% no município de São Paulo (IPEA,2013). Esse dado pode indicar a exclusão desse grupo aos postos de trabalho devido às imposições do mercado, o que os faz experimentar vulnerabilidades impostas por sua condição social, uma vez que além da dificuldade de se inserirem no mercado, possuem mais gastos com a saúde e queda na renda domiciliar, elementos que aumentam a sua marginalização, e como alternativa a essa condição adentram ao universo da catação como uma forma de sobrevivência (SIMSON, 2003).

Para, além disso, os dados da tabela 1 indicam que 51,25% do universo de catadores corresponde ao gênero masculino, e 48,7% corresponde ao feminino. Esse dado indica que apesar de a maioria ser masculina os percentuais são bem próximos, demonstrando um certo equilíbrio entre os sexos, o que se distancia de outras estimativas, como as das escalas regional e nacional, como pode se observar pela tabela 3.

Tabela 3: Distribuição percentual dos catadores de materiais recicláveis por gênero, segundo país, região e município.

Gênero	Brasil	Sudeste	São Paulo
Homens	68,9	69,0	51,25
Mulheres	31,1	31,0	48,7

Fonte: Modificado de IPEA(2013), IBGE (2010), PNAD(2012) dados do Projeto “Cata Rua”.

De acordo com a tabela, o gênero masculino é predominante entre os catadores no país, os quais representam 68,9% do total, contra 31,1% das mulheres. Esse mesmo indicativo é notado na Região Sudeste onde os homens representam 69% do total e as mulheres 31%.

Essa discrepância observada entre as escalas nacional e regional para a municipal pode ser explicada a partir do entendimento de que, como nas duas primeiras escalas a metodologia é autodeclaratória e a abordagem é feita na residência, e de que, muitas mulheres exercem outras atividades, como o cuidado do lar e da família e outras ocupações remuneradas, essas entendem que a atividade da catação é uma atividade complementar e se declaram como dona de casa ou com a outra ocupação que também lhes remunera (IPEA, 2013).

Soma-se a isso que, no trabalho de Crivellari, Dias e Pena (2008) foi explicitada que a condição de emprego formal como catador é mais favorável ao grupo masculino, sendo que o reverso acontece quando se considera associações e cooperativas de materiais recicláveis, nos quais as mulheres se sobrepõem. Esse fato também pode fazer com que as mulheres não considerem se declarar como catadoras, uma vez que não reconhecem o trabalho nas associações e cooperativas como uma ocupação a ser declarada, pois em seu entendimento não é formal.

Enquanto que, na escala municipal a metodologia utilizada é abordar as mulheres durante a sua atividade de trabalho, que invariavelmente as faz declararem-se como catadoras, podendo explicar a diferença encontrada entre as escalas.

Ao confrontar a constatação de que o trabalho formal de catador favorece o sexo masculino, um dos questionamentos que surge é se esse fato pode estar associado a escolaridade dos catadores.

Tabela 4: Distribuição numérica dos catadores de materiais recicláveis por gênero, segundo escolaridade.

Gênero	Não Alfabetizado	Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Fundamental Completo	Ensino Médio Incompleto	Ensino Médio Completo	Superior Incompleto	Superior Completo	Total
Feminino	27	82	13	14	19	0	0	155
Masculino	21	101	12	11	18	0	0	163
Total	48	183	25	25	37	0	0	318

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Projeto “Cata Rua”.

Na tabela 4 é possível observar, que a maior concentração de indivíduos possui escolaridade do Ensino Fundamental Incompleto, representando 57,5% do total da amostra. Quando o filtro da análise é o gênero, observa-se que 25,7% desses indivíduos são mulheres, enquanto que 31,7% são homens. No que concerne aos Não Alfabetizados, esse conjunto representa 15% do total da amostra, sendo que, 8,4% são do gênero feminino e 6,6% são do gênero masculino. Assim, ao analisar um grupo composto por analfabetos e pessoas com o Ensino Fundamental Incompleto tem-se que este grupo representa 72,6% da amostra total, fato que chama muita atenção. Em relação ao gênero, esse grupo apresenta 34,2% de mulheres e 38,3% de homens.

Enquanto os homens apresentam uma maior porcentagem de Ensino Fundamental Incompleto, esta mesma categoria possui um percentual similar ao das mulheres em relação ao Ensino Médio Completo, sendo 5,9% contra 5,6% das mulheres. No âmbito geral observa-se que a mulher catadora possui um nível educacional mais elevado que o homem catador.

Ao se comparar os indicadores educacionais com informações das bases de dados oficiais, tem-se os seguintes resultados, apresentados na tabela 5.

Tabela 5: Distribuição percentual dos catadores de materiais recicláveis por escolaridade, segundo país, região e município.

Indicador	Brasil	Sudeste	São Paulo
Taxa de analfabetismo	20,5	13,4	15,0
Catadores com 25 anos ou mais com pelo menos Ensino Fundamental Completo	24,6	28,3	6,6
Catadores com 25 anos ou mais com pelo menos Ensino Médio Completo	11,4	13,5	10,0

Fonte: Modificado de IPEA(2013), IBGE (2010), PNAD(2012) dados do Projeto “Cata Rua”.

Observa-se que a taxa de analfabetismo encontrada no município, 15%, é muito próxima à apresentada na Região Sudeste, 13,4%, sendo que a taxa brasileira atinge 20,5%. Em relação aos catadores com mais de 25 anos que possuem pelo menos Ensino Fundamental Completo nota-se que São Paulo apresenta uma porcentagem menor em relação às outras duas escalas, obtendo um total de 6,6% enquanto que no Sudeste o valor é de 28,3% e no Brasil 24,6%. Além disso, São Paulo se diferencia em relação às outras regiões por haver menos catadores acima de 25 anos com pelo menos Ensino Fundamental Completo do que os com pelo menos Ensino Médio.

Pela apresentação de todos esses dados podemos inferir que o perfil educacional dos catadores se apresenta fragilizado, já que a grande maioria dos catadores possui baixo grau de escolaridade, o que para Magera (2003) é um fator que direciona para a exclusão do mercado formal de trabalho. Além disso, para Medeiros e Macêdo (2006), a baixa escolaridade também se associa à autoimagem que os catadores fazem de sua profissão e posição social, o que pode repercutir em preconceito e descrédito dos próprios catadores em relação ao seu trabalho.

Porém não é surpresa encontrar dados que afirmem a baixa escolaridade do catador, uma vez que para Bosi (2008), não se deve desconsiderar a relação do catador com o circuito produtivo da reciclagem, isso porque o trabalho dos catadores está integrado ao processo de acumulação do capital, ou seja, a situação de exclusão do catador, com baixa escolaridade, o qualifica para esse tipo de ocupação. Assim, se torna surpreendente encontrar valores que indicam um percentual relevante de indivíduos com Ensino Médio Completo atuando na catação, como pode ser observado os valores de 11,4% no território nacional, 13,5% no regional e 10 % no municipal.

Contudo, com essa perspectiva faz-se relevante compreender se o Capital humano⁴ altera os rendimentos dos catadores, o que é possível a partir dos dados expressos na tabela 6.

Tabela 6: Distribuição numérica dos catadores de materiais recicláveis por escolaridade, segundo renda.

Escolaridade	Renda em Salário Mínimo (SM)			
	Até 0,5 SM	Mais de 0,5 até 1 SM	Mais de 1 até 2 SM	Mais de 2 até 3 SM
Não Alfabetizado	11	17	20	0
Ensino Fundamental Incompleto	28	105	42	8
Ensino Fundamental Completo	4	13	7	1
Ensino Médio Incompleto	1	22	11	3
Ensino Médio Completo	4	15	6	0
Ensino Superior Incompleto	0	0	0	0
Ensino Superior Completo	0	0	0	0
Total	48	172	86	12

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Projeto “Cata Rua”.

Observa-se que a variação do nível de escolaridade não está diretamente relacionada ao rendimento, já que para aqueles não alfabetizados a proporção de indivíduos foi próxima para as três primeiras faixas salariais, tendo até uma concentração maior de indivíduos ganhando mais que um até dois salários mínimos, ou seja, mesmo com limitações de ensino é possível que o sujeito obtenha renda de mais de um até dois salários mínimos, o que evidencia que a diferença de renda pode estar vinculada a estratégia de trabalho e não especificamente ao ensino.

Percebe-se também que independente da escolaridade, com exceção do conjunto de indivíduos Não Alfabetizados, concentra-se o maior número de indivíduos de cada nível educacional na faixa de meio a um salário mínimo, o que não deveria ocorrer caso a escolaridade fosse uma variável de diferenciação.

Esse fato pode ser explicado pela atividade da catação não exigir conhecimentos específicos para a sua realização, permitindo que qualquer um possa realizá-la, abrangendo a todos aqueles que estejam excluídos do mercado formal independente de suas características sociais. Nesse sentido a teoria do Capital Humano se torna limitada, pois desconsidera fatores como a discriminação do mercado (SILVA, 2013).

Apesar de não haver implicações diretas entre renda e escolaridade, quando confrontamos a renda com o gênero é possível observar uma distinção entre o ganho dos homens em relação ao ganho das mulheres, como mostra a tabela 7.

Tabela 7: Distribuição numérica dos catadores de materiais recicláveis por renda, segundo gênero.

Renda em Salário Mínimo (SM)	Gênero		Total
	Masculino	Feminino	
Até 0,5 SM	19	29	48
Mais de 0,5 até 1 SM	79	93	172
Mais de 1 até 2 SM	56	30	86
Mais de 2 até 3 SM	9	3	12
Total	163	155	318

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Projeto “Cata Rua”.

⁴ Caracteriza-se como uma teoria social a qual infere que melhor escolaridade representa melhores condições de empregabilidade e renda (SCHULTZ, 1973).

Pode-se observar que a maior ocorrência para ambos os sexos se dá na faixa de meio até um salário mínimo, no entanto comparando as outras faixas de rendimento, existem mais ocorrências masculinas nas faixas que vão de mais de um até três salários mínimos enquanto que existe uma proporção maior de mulheres que se concentram nas faixas de até meio a um salário mínimo. Esse dado indica, portanto, que apesar de não haver distinção quanto à escolaridade, o gênero é um fator que altera a renda entre os catadores.

Esse fato pode estar associado a forma como as cooperativas remuneram seus cooperados, por horas ou por produção, onde a mulher catadora se vê em uma relação complexa onde a conciliação entre o trabalho, os afazeres domésticos e cuidados com os filhos, a sobrecarga em uma jornada dupla de mais de 12 horas de trabalho. Essa condição afeta sua remuneração, já que por sua responsabilidade doméstica flexibiliza seu trabalho e acaba trabalhando menos horas e produzindo menos, o que leva a fortalecer a imagem do homem catador na hierarquização das relações de trabalho, favorecendo um rendimento maior a este gênero (BRITO, 1997; WIRTH, 2013).

Assim, essa situação identifica uma clara hierarquização das atividades ligadas ao gênero de quem as exerce, o que não é surpresa, visto que no entendimento de Hirata (apud KERGOAT, 1993, p. 134) “a divisão sexual do trabalho é sempre estruturada por um princípio hierárquico: o trabalho masculino tem sempre um valor superior ao feminino”. Sabe-se que permanecem algumas desvantagens históricas das mulheres em relação aos homens nas diversas camadas sociais, porém, no contexto das cidades informais, onde geralmente residem os catadores, estas desvantagens são ainda mais evidentes (HIRATA, 2003).

Tendo sido posto que a diferença de renda entre os catadores pode ter a natureza de sua existência na estratégia utilizada para o trabalho e não pela escolaridade, por exemplo, e no tocante de que há uma diferença expressa nos rendimentos entre gêneros, cabe analisar a dinâmica entre estratégias de organização dos trabalhadores, escolaridade e suas implicações na renda sob a ótica do gênero, como indica a tabela 8.

Tabela 8: Quadro síntese da situação dos catadores de materiais recicláveis cooperados e autônomos do município de São Paulo.

Indicadores	Organização			
	Cooperados		Autônomos	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Não Alfabetizado	3	10	18	17
Ensino Fundamental Incompleto	10	26	91	56
Ensino Fundamental Completo	3	5	9	8
Ensino Médio Incompleto	2	8	16	11
Ensino Médio Completo	2	9	9	5
Ensino Superior Incompleto	0	0	0	0
Ensino Superior Completo	0	0	0	0
Renda média	R\$ 657,50	R\$ 624,41	R\$ 678,69	R\$ 676,15
Renda per capita	R\$ 376,70	R\$ 429,99	R\$ 484,18	R\$ 492,99
Quantidade de catadores	20	58	143	97

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Projeto “Cata Rua”.

Em termos percentuais tem-se que, do universo masculino existe uma proporção maior de catadores autônomos não alfabetizados e com Ensino Fundamental Incompleto, o que corresponde a um percentual de 34,2 % contra 4% de catadores cooperados.

Nota-se que mais uma vez o cruzamento entre renda e escolaridade demonstra não ter relação direta, uma vez que a renda dos catadores autônomos, os quais possuem menor nível educacional, é maior, sendo que a renda média dos cooperados é R\$ 657,50 e sua renda per capita é de R\$ 376,70 contra a renda média dos autônomos, que é R\$ 678,69 e renda per capita de R\$ 484,18. Além disso, também se observa que há um maior número de catadores autônomos do que cooperados, fato esse que pode ter relação com a renda.

Porém, vale ressaltar que para uma melhor compreensão dessas informações seria importante cruzá-las com as horas trabalhadas, uma vez que a média de horas trabalhadas de um cooperado pode ser menor que a de um avulso, o que significaria que apesar de possuir uma renda média maior, o valor da hora trabalhada seria menor pelo catador autônomo. Dessa maneira, seria importante aprofundar esta questão em outros estudos.

Quanto ao universo feminino, observa-se que também apresenta uma maior proporção de mulheres avulsas não alfabetizadas e com Ensino Fundamental Incompleto, apresentando um percentual de 22,9% em relação a 11,3% das cooperadas. No escopo geral, vê-se que a mulher catadora cooperada possui uma escolaridade maior do que a catadora autônoma. Em relação à renda, as catadoras autônomas apresentam uma maior Renda Média com R\$ 676,15 contra R\$ 624,41 das catadoras cooperadas. Da mesma maneira, apresenta uma maior Renda Per Capita com R\$492,99 contra R\$ 429,99 da catadora cooperada. Seguindo o mesmo resultado do universo masculino, tem-se que a escolaridade não se relaciona diretamente com a renda e que as catadoras avulsas possuem maior rendimento.

No geral, nota-se que os homens possuem melhores rendas do que as mulheres. Como citado a cima, valeria o esforço de cruzar essas informações com as horas trabalhadas, uma vez que os homens tendem a trabalhar mais horas do que as mulheres, por não possuírem uma jornada dupla com os afazeres domésticos e familiares o que pode influenciar positivamente no seu rendimento. Também se percebe, de acordo com os percentuais, que existem mais mulheres em cooperativas e mais homens no trabalho avulso.

Por fim, em função das limitações do banco de dados, sugere-se a complementação desta pesquisa com a análise de outros aspectos sociodemográficos como a cor da pele, o número de filhos, as horas trabalhadas, contribuição previdenciária, acesso à energia elétrica e esgotamento sanitário a fim de ter um melhor panorama da dinâmica social dos catadores.

CONCLUSÕES

A discussão apresentada sobre a realidade socioeconômica enfrentada pelos catadores de materiais recicláveis do município de São Paulo permitiu compreender melhor o perfil desses trabalhadores. Destaca-se que constituem a fração da força de trabalho vulnerável na cadeia de valor da reciclagem, mediante os recursos limitados que apresentam para exercer suas atividades laborais, principalmente ao se considerar a escolaridade e a qualificação profissional, condicionantes para uma mobilidade social a partir da qualidade do trabalho realizado.

Os resultados obtidos apontam que esses trabalhadores são em sua maioria do sexo masculino, com idade entre 30 e 49 anos, com baixa escolaridade e com rendimento maior que meio até um salário mínimo. Também se inferiu que não há relação direta entre o nível de escolaridade e os rendimentos desses profissionais. Outro aspecto relevante ao se comparar homens e mulheres na atividade da catação, foi o fato de as mulheres possuírem maiores níveis educacionais, porém menores rendimentos que os homens. Notou-se também que os catadores autônomos possuem um rendimento maior que os catadores cooperados e que existe uma proporção maior de mulheres em cooperativas e homens trabalhando como autônomos.

Além disso, apesar de o perfil encontrado ser similar na Região Sudeste e no Brasil é necessário o desenvolvimento de mais estudos sobre o perfil do catador, principalmente nas escalas municipais onde há uma carência de informações, podendo haver algum fator estratificador que diferencie uma escala da outra.

Em face à essas colocações, se torna imprescindível o acompanhamento das condições sociais e de trabalho destas pessoas, já que negligenciar a desigualdade sofrida pelos catadores significa sustentar a desigualdade no mercado de trabalho favorecendo a manutenção do empobrecimento e dos problemas sociais advindos da exclusão social, o que impacta negativamente na saúde e dinâmica socioeconômica de todo o município. Assim,

espera-se com esta pesquisa ter contribuído para o conhecimento destes trabalhadores no intuito de favorecer a constituição de políticas públicas adequadas às necessidades dos catadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRITO, J.; OLIVEIRA, S. Divisão Sexual do Trabalho e Desigualdade nos Espaços de Trabalho. In: A Danação do Trabalho: relações de trabalho e o sofrimento. Rio de Janeiro, Te Corá Editora, 1997.
2. BURGOS, R. Periferias urbanas da metrópole de São Paulo: Territórios da base da indústria da reciclagem no urbano periférico. Universidade de São Paulo. Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Tese de doutorado. São Paulo, 2008.
3. GOULART DE OLIVEIRA, F.; DE PAULA, A.L.F. Eficiência e Solidariedade nas Associações de Catadores de Materiais Recicláveis. Working Paper n.22, 2012. Disponível em: <http://wiego.org/sites/wiego.org/files/publications/files/Goulart_WIEGO_WP22_Portugues.pdf> Acesso em 30/08/13.
4. GONÇALVES-DIAS, S.L.F. Catadores: uma perspectiva de sua inserção no campo da indústria de reciclagem. Universidade de São Paulo, Programa de Pós Graduação em Ciência Ambiental. Tese de doutorado. São Paulo, 2009.
5. HIRATA, H. Nova Divisão Sexual do Trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.
6. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Situação Social das Catadoras e dos Catadores de Material Reciclável e Reutilizável. Brasília, 2013.
7. MAGERA, M.C. Os Empresários do Lixo – um Paradoxo da Modernidade: análise interdisciplinar das cooperativas de reciclagem de lixo. Campinas: Editora Átomo, 2003.
8. MARQUES, M.I.M. Reciclagem e gestão do ambiente urbano: O trabalho dos catadores de resíduos sólidos na metrópole paulistana em tempos de políticas neoliberais. Rev. Reciclagem e Gestão do Ambiente Urbano, mar-set, p 76-89. 2013.
9. MARTINS, J.S. A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
10. MEDEIROS, L.F.R.; MACÊDO, K.B. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? Psicologia & Sociedade, 18 (2) pp 62-71; mai/ago de 2006.
11. MIGUELES, C. P. Significado do lixo e ação econômica – a semântica do lixo e o trabalho dos catadores do Rio de Janeiro. Em Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação em Pesquisa em Administração – ENANPAD, Curitiba, 2004.
12. PINHEL, J.R (Org). Do lixo à cidadania – Guia para formação de cooperativas de catadores de materiais recicláveis. São Paulo: Peirópolis, 2013.
13. RIBEIRO, H; RIZPAH, G. R. Panorama da coleta seletiva no Brasil: desafios e perspectivas a partir de três estudos de caso. INTERFACEHS: Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente, São Paulo, v.2, n.4, ago. 2007.
14. SANTOS, I. J. Determinantes dos rendimentos de catadores de materiais recicláveis no Brasil: uma abordagem a partir dos microdados da amostra do censo IBGE 2010. Rev. Pegada – vol.14 n. 1. Jul/2013.
15. SAWAIA, B. As artimanhas da Exclusão: Análise Psicossocial e Ética da Desigualdade Social, (4ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes. 1999.
16. SILVA, T.J. Relações entre escolaridade, renda e gênero: evidências para os municípios Pernambucanos. Anais. VIII SOBER Nordeste. Parnaíba, 2013. Acesso em 22 de Jan de 2014. Disponível em: <<http://www.viii soberne.com.br/anais/ARQUIVOS/GT6-111-42-20130927203208.pdf>>
17. SIMSON, O.R.M.V. [et al], (organizadora). As múltiplas faces da velhice no Brasil. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003.
18. SCHULTZ, T. W. O capital Humano: investimentos em educação e pesquisa. Rio de Janeiro: ZARAR, 1973.
19. WIRTH, I.G. Mulheres na triagem, homens na prensa: questões de gênero em cooperativas de catadores. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2013.